

PNV 323

**Espiritualidades dos  
povos originários e  
leitura popular da Bíblia  
– aproximações iniciais –**

**Ildo Bohn Gass  
Luiz José Dietrich  
(Orgs.)**

São Leopoldo/RS



2014

© Centro de Estudos Bíblicos  
Rua João Batista de Freitas, 558  
B. Scharlau – Caixa Postal 1051  
93121-970 – São Leopoldo/RS  
Fone: (51) 3568-2560  
Fax: (51) 3568-1113  
vendas@cebi.org.br  
www.cebi.org.br

Série: A Palavra na Vida – Nº 323 – 2014

Título: Espiritualidades dos povos originários e leitura popular da Bíblia  
– aproximações iniciais

Organizadores: Ildo Bohn Gass e Luiz José Dietrich

Capa: Artur Nunes

Editoração: Rafael Tarcísio Forneck

ISBN: 978-85-7733-226-7

# Sumário

<b>Apresentação</b> .....	5
<b>Leitura Popular da Bíblia e Povos Originários</b> .....	8
Nossas dívidas para com os povos originários.....	9
“Onde está teu irmão?” .....	11
Uma Palavra de Deus/Evangelho para os Povos Originários? .....	13
Cristianismo, imperialismo e colonização .....	14
No discurso o amor, na mão a espada .....	15
Despir as Divindades da violência para encontrar a Divindade da Vida	18
<b>A Espiritualidade dos Povos Indígenas</b> .....	21
Ninguém pode servir a dois senhores .....	26
Bem viver x Bem estar.....	27
<b>Antropologia Religiosa Indígena</b> .....	29
Centralidade Humana.....	29
O Fenômeno Religioso.....	31
Manifestação do fenômeno religioso .....	31
Dois modos de ser no mundo.....	32
Reatualizar os mitos.....	33
Sabedorias em diálogo .....	34
Evangelho e Cultura.....	35
Sabedoria indígena, fonte de esperança .....	37
Teologia Índia .....	37

<b>Minha experiência no Seminário “Povos Originários” e com os Guarani no Espírito Santo</b> .....	42
Experiência no Seminário sobre Povos Originários .....	42
Experiência com os Guarani no Espírito Santo .....	45
<b>Espiritualidade Indígena – A Casa sem compartimento, a Vida sem janelas</b> .....	50
<b>A espiritualidade e a visão de mundo dos povos Munduruku</b> .....	55

## Apresentação

Entre os dias 01 e 04 de Maio de 2014, vinte e nove pessoas de todas as regiões do Brasil encontraram-se na casa Vicente Cañas, na cidade de Luziânia, em Goiás. Nessa casa do CIMI, realizamos um seminário sobre Antropologia Religiosa Indígena, em parceria com o Conselho Indigenista Missionário ligado à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil).

Com este novo encontro, propomo-nos a dar continuidade à caminhada no estudo sobre a diversidade do Sagrado presente na vida. Nos anos anteriores, já havíamos resgatado a pluralidade dos rostos de Deus no Antigo Israel. De um lado, buscamos compreender o processo vivido por Israel desde a crença politeísta nas origens do povo, a fé em uma diversidade de rostos da Divindade, até chegar ao monoteísmo absoluto, na época do exílio babilônico no VI século a.C. Esse monoteísmo crê que o Sagrado está fundamentalmente presente nas instituições religiosas, em seus ritos e em suas leis, isto é, fora da vida cotidiana das pessoas e das comunidades. De outro lado, procuramos desconstruir a imagem violenta do Deus monoteísta que legitimou muito colonialismo e exclusão, muita intolerância e violência no decorrer da história.

A partir disso, passamos a resgatar o Sagrado presente na Bíblia a partir da prática de Jesus de Nazaré. E aprendemos que o Sagrado encontra-se na vida, na vivência do amor, no respeito à diversidade. A vida é o que há de mais sagrado, mais que em instituições, ritos e leis. O Sagrado está perto, está em nós, está no cotidiano, mesmo nas coisas mais simples.

No primeiro artigo desse caderno, *Leitura Popular da Bíblia e Povos Originários*, Luiz Dietrich faz um resgate dessa caminhada que realizamos.

No seminário de Maio, damos um passo a mais. Em uma perspectiva ecumênica, aprofundamos a reflexão sobre a espiritualidade dos povos indígenas e sobre a sua antropologia religiosa.

Num primeiro momento, Cintia Maria Santana da Silva, liderança indígena guajajara de Amarante, Maranhão, partilhou conosco a sua visão de mundo, a relação com o Sagrado, o caminho espiritual de seu povo.

Num segundo instante, houve um aprofundamento da antropologia religiosa indígena, com a colaboração de Laura Vicuña Pereira Manso, assessora do CIMI em Rondônia.

Dando continuidade, fizemos um debate sobre os aspectos em que o cristianismo e a Bíblia facilitam ou dificultam a relação com mundo indígena. Por fim, à luz das contribuições anteriores, refletimos sobre como as cosmovisões indígenas nos ajudam a ler a Bíblia e o cristianismo de forma não excludente, porém, mais amorosa e mais diversa.

Nos demais artigos deste caderno, partilhamos com vocês alguns frutos dessa caminhada. Janeide Lavor da Silva nos brinda com um estudo sobre Espiritualidade dos Povos Indígenas. Na sequência, Laura Vicuña Pereira Manso partilha conosco sua reflexão sobre Antropologia Religiosa Indígena. Embora esses dois artigos tenham como títulos Espiritualidade dos Povos Indígenas e Antropologia Religiosa Indígena, temos consciência que as religiões e as espiritualidades dos povos originários são muito mais diversificadas e complexas.

Ivonete Maria da Silva escreve sobre sua experiência no seminário realizado em Maio, bem como sobre sua visita às comunidades Guarani no Espírito Santo. No artigo *Espiritualidade Indígena – A Casa sem compartimento, a Vida sem janelas*, Irene Smith, paraense de ascendência indí-

gena Caiapó Txucarramãe e que hoje vive em Sergipe, comparte conosco sua experiência sobre a relação com o Sagrado em seu povo. Por fim, vai o artigo de Maria da Conceição Evangelista, de Belém do Pará, sobre *a espiritualidade e a visão de mundo dos povos munduruku*.

Agradecemos de coração às pessoas que partilham conosco parte de suas experiências. Ao mesmo tempo, fazemos votos de que a leitura e a reflexão sobre suas contribuições nos evangelizem, de modo a fortalecer em nós o respeito para com o diferente e para aprofundar a solidariedade com os povos indígenas.

*Ildo Bohn Gass*

# Leitura Popular da Bíblia e Povos Originários

*Luiz José Dietrich<sup>1</sup>*

A Leitura Popular da Bíblia é a leitura que responde, de forma transformadora e libertadora, aos desafios e entraves da vida, colocados pelo contexto em que esta leitura bíblica está sendo realizada. Os aspectos metodológicos até nem são tão importantes. O fundamental, para que seja Leitura Popular da Bíblia, é que esta leitura defenda e promova a dignidade e a vida nas situações concretas da vida do povo em que esta leitura está sendo feita.

E, buscando fidelidade aos objetivos para os quais o CEBI foi criado, estamos permanentemente revendo, atualizando, aprofundando e reconfigurando o nosso jeito de ler e de usar a Bíblia dentro de um projeto para transformar pessoas e realidades. Para tanto, precisamos rever constantemente os aspectos metodológicos, buscando um método libertador, no qual os fins estejam presentes nos meios. Mas também devemos pensar e rever

---

<sup>1</sup> Luiz José Dietrich é graduado em Farmácia e Bioquímica pela UFSC. Está envolvido no movimento das Comunidades Eclesiais de Base, na Leitura da Bíblia a partir dos pobres, na Teologia da Libertação e nas lutas pela democratização do Brasil e da América Latina. Coursou as disciplinas do Bacharelado em Teologia e do Mestrado em Teologia com ênfase em Estudos Bíblicos na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção em São Paulo. É doutor em Ciências da Religião, com concentração em Bíblia, pela Universidade Metodista de São Paulo.



as teologias e espiritualidades que embasam nossas metodologias e nossa compreensão da Bíblia, pois são elas que nos orientam e nos sustentam. Desse modo, a Leitura Popular da Bíblia também é importante na nossa transformação pessoal, fazendo-nos assumir práticas e espiritualidades que nos ajudem a sermos cada vez mais fraternos, mais solidários, mais respeitosos e amorosos para com todas as formas de vida e de amor, em suma, uma prática que nos faça sempre mais humanos.

Avaliando tanto nossas metodologias como as teologias que nos iluminam, nos últimos anos temos tratado especialmente da relação entre nossa leitura da Bíblia e os povos originários. Aqui, referimo-nos tanto aos povos originários da África como aos povos originários de nossa América, *Abia Ayala*<sup>2</sup>.

## **Nossas dívidas para com os povos originários**

É do senso comum, e isso ninguém pode negar, que estes povos sofreram inúmeras, profundas e intermináveis violências por parte de povos cristãos. É certo que, especialmente na África, povos orientados pelo Corão também tiveram – e ainda têm – sua parcela de contribuição nas violências feitas aos povos do próprio continente. Neste texto, no entanto, nos referimos mais especificamente às violências cometidas por impérios, países, pessoas e grupos afiliados às correntes do cristianismo, orientados pela Bíblia.

---

2 *Abia Ayala* significa terra em plena maturidade, ou lugar do sangue gerador de vida. É assim que o povo *Kuna*, do Panamá referia-se ao continente americano antes da chegada de Cristóvão Colombo. E por sugestão do líder *aymara* Takir Mamoni, os organismos indígenas, como o Conselho Mundial dos Povos Indígenas, que se reúne desde 1977, usam esse nome para referir-se à terra que vai do Alaska até a Patagônia, em seus documentos oficiais (cf. Agenda Latinoamericana, 1992, mês de fevereiro).

Também é verdade que nenhum povo, ninguém, é sempre e somente vítima e totalmente inocente. Não se pode localizar ou associar toda a maldade a um povo ou a alguém e todo o bem a outro povo ou outra pessoa. Há muitas formas de violência e muitos graus no exercício da violência. Há também momentos e situações em que as vítimas são algozes, e os algozes são vítimas de outros. Há, portanto, diversas situações. Mas se errarmos na avaliação das violências perpetradas por povos brancos, patriarcais, antropocêntricos e ocidentais-cristãos contra os povos originários, da África ou ainda do continente americano, *Abia Ayala*, que seja um erro por excesso. Isso se considerarmos possível quantificar a violência nessa relação. Em muitos casos foram violências irreparáveis, que levaram muitas etnias à extinção! Como podemos quantificar isso? Como dar uma medida para o impacto e para a influência que a escravidão teve sobre o desenvolvimento do continente africano? Essas violências são também impossíveis de serem medidas, quantificadas, mensuradas, porque não estão limitadas a um período ou dois de nossas histórias. Elas seguem ainda hoje em curso, e a cada dia temos manifestações brutais da continuidade dessas violências. Os povos negros e indígenas são ainda, em nosso continente e no continente africano, a maioria dos que padecem da falta de terras para viver dignamente dentro de suas características culturais próprias, e em consequência disso são a maioria das pessoas e famílias que padecem de fome, desnutrição e com a falta de todos os serviços básicos de saúde, entre outros. A persistência desse quadro de violências se revela também no fato de a maioria da população carcerária, a maioria dos jovens que morrem assassinados nas cidades e nas grandes metrópoles, a maioria das pessoas mais mal remuneradas e analfabetas ser composta por pessoas afrodescendentes.

Não se pode generalizar e nem ignorar o fato de que existem iniciativas e experiências boas, reparadoras e transformadoras. No Canadá, há muitos bons exemplos. Na Bolívia e no Equador, existem avanços no reconhecimento constitucional das diferentes etnias, afirmando-se como Estados pluri/multi-étnicos. No Brasil isso também ocorre, com a crimi-